

# BANGLADESH: REVOLUÇÃO COLORIDA À PORTA DA ÍNDIA

Por Chan Akya\*



*Manifestantes bloqueiam um cruzamento durante protesto em Dhaka, Bangladesh, em 4 de agosto de 2024 (Syed Mahamudur Rahman/Reuters/NurPhoto).*

*Os EUA tinham um interesse geopolítico na remoção de Hasina e foram notavelmente rápidos em acolher a sua substituição interina instalada pelo Exército.*

**A**s agências de inteligência indianas, dificilmente o epítome do sucesso autoconfiante, raramente foram pegas desprevenidas como foram no fim de semana, quando a primeira-ministra de Bangladesh, Sheikh Hasina, evacuou às pressas suas residências palacianas para uma modesta casa de hóspedes do governo nos arredores de Délhi.

Em questão de poucas horas, a antiga “Dama de Ferro” de Dhaka viu sua posição, e talvez as perspectivas para sua própria vida, bastante inviáveis, quando o chefe das Forças Armadas (que por acaso é marido de sua sobrinha) comunicou a recusa das tropas em atirar em manifestantes “estudantes” que estavam se reunindo em massa em todo o país.

Para piorar a situação, várias democracias, como os Estados Unidos e o Reino Unido, recusaram ou revogaram seu visto após os eventos que levaram o ex-chefe do Grameen Bank e ganhador do prêmio Nobel, Muhammad Yunus, ao poder como primeiro-ministro interino.

Tais eventos memoráveis em um país de quase 175 milhões de habitantes dificilmente causariam muito mais do que um dar de ombros, mesmo em meio a um ciclo de notícias (políticas) relativamente lento em agosto no mundo ocidental.

Talvez a mídia esteja mais focada nas Olimpíadas de verão, mas claramente os eventos em Dhaka assumiriam uma importância muito maior se a violência, já tendo como alvo a minoria hindu do país, saísse do controle e se transformasse em uma guerra civil completa.

Em particular, a mão do governo dos EUA é perceptível no rápido desenrolar dos eventos desde meados de junho, quando os protestos estudantis em torno de um novo sistema de cotas de empregos de descendentes da luta pela liberdade do país logo explodiram em protestos mais amplos por uma população que estava cada vez mais cansada da alta inflação e do alto desemprego de jovens educados.

Em linha com o *kit* de ferramentas usado nos países da “Revolução da Primavera”, que vão da Tunísia ao Egito, protestos simultâneos em massa irromperam em Bangladesh com atos de violência visando apenas minorias (consideradas mais próximas politicamente do partido Liga Awami de Hasina).

A polícia e o exército foram chamados para ajudar, mas se mostraram totalmente ineficazes contra as enormes multidões reunidas. Apesar de vários incidentes de gás lacrimogêneo e até mesmo ordens de atirar à vista (que dificilmente foram cumpridas na prática, pois a polícia preferiu atirar para o ar em vez de diretamente nos manifestantes), multidões encorajadas ameaçaram marchar sobre a capital esta semana, levando à saída ignominiosa de Hasina.

## **POR QUE OS EUA SE IMPORTAM?**

Dada a presença geográfica relativamente pequena do país, que desmente sua população e sua falta de recursos substanciais, a principal questão para qualquer leitor seria, por que os EUA se importariam em desencadear um golpe no país?

A resposta está na localização do país, na parte oriental estratégica da Índia, com proximidade significativa com a China. Isso não é tudo – sendo essencialmente um estado ribeirinho atendido por dois dos maiores rios do mundo, o Ganges e o Brahmaputra, que juntos formam um dos deltas mais férteis do planeta (explicando a densidade populacional) – os portos do país há muito tempo atraem potências navais que vão desde os britânicos, japoneses e russos, até mais recentemente os chineses e americanos em diferentes momentos.

No momento, o principal interesse dos EUA no país é estabelecer um porto de serviço para embarcações navais de médio porte dos EUA que possam ajudar os Estados Unidos a gerenciarem os riscos de operações navais causados pelo acesso da China a portos na vizinha Mianmar e oferecer serviços logísticos a potências amigas na região sem precisar de qualquer aprovação ou participação da Índia.

Para ter certeza, a longo prazo, há uma vantagem geopolítica estratégica significativa a ser obtida ao domar e administrar a economia ribeirinha de Bangladesh, com as partes do norte do país oferecendo topografia perfeita para

incursões aéreas no ponto fraco da China a sudeste da região Tibetano-Sichuan, uma área que a China governou a ponto de ser totalmente complacente sobre potenciais riscos militares.

Uma sugestão desses riscos políticos e militares veio da Índia desde as incursões fracassadas de Doklam em 2017, que por sua vez desencadearam atividade geopolítica significativa em torno do Butão e do Nepal pelos chineses, à medida em que continuaram a intensificar a pressão sobre a Índia antes de efetivamente alcançar uma superioridade inigualável no início de 2022.

Com a Índia na defensiva, os EUA claramente sentem a necessidade de intervir – e se os observadores baseados em Délhi forem acreditados, aumentar a aposta.

## O QUE FAZ DISSO UMA REVOLUÇÃO COLORIDA?

Os eventos em Bangladesh se alinham aproximadamente com os exemplos de várias revoluções coloridas na Europa e os movimentos da “Primavera” em que:

- Protestos em massa desencadeados por uma questão específica que o governo anfitrião normalmente teria considerado um item menor e de nicho;
- Participação ativa de vários grupos sociais, geralmente liderados por pessoas mais jovens, mas logo se espalhando pela sociedade para grupos até então apolíticos;
- Uso significativo de tecnologia, em particular aplicativos de comunicação seguros (que podem ou não ter sido auxiliados por um ator estatal estrangeiro para garantir atualizações de criptografia que vão além da capacidade do país anfitrião de monitorar ou interromper);
- Financiamento generoso e inexplicável, geralmente proveniente de novas contas bancárias de instituições de caridade e ONGs recentemente estabelecidas;
- Notícias aleatórias projetadas para incitar mais participantes e, em particular, o uso de imagens gráficas de estupro envolvendo mulheres jovens e imagens ou vídeos de figuras de autoridade causando danos corporais graves ou até mesmo desmembrando corpos humanos.

Pelo que este autor revisou como dados brutos nas últimas 72 horas, várias dessas condições foram atendidas, embora até agora tenha se mostrado impossível corroborar ou provar muitas das informações para os padrões típicos de documentação baseada em evidências.

## QUAL É O CONTEXTO?

Com pouco mais de 52 anos, o Bangladesh que entrou em 2024 era um jovem adulto alegre na liga das nações, ostentando rápido crescimento econômico, PIB *per capita* que havia ultrapassado os pares do sul da Ásia, incluindo a Índia (tendo deixado o Paquistão muçulmano na poeira há muitos anos), com infraestrutura

razoável, sistemas de pagamentos públicos e uma vantagem competitiva marcante em indústrias de massa intensivas em mão de obra, como têxteis, que variam de roupas econômicas a itens de moda de ponta.

Além disso, muitos indicadores sociais, incluindo a participação de mulheres na economia formal e métricas de saúde de crianças em idade escolar, todos causavam inveja na região.

Qualquer pessoa familiarizada com a história sangrenta do país desde a década de 1960 geralmente apreciaria os grandes passos dos últimos 15 anos. Uma tentativa de democracia que levou as elites do Paquistão (ocidental) a temer o governo dos “bengalis” levou a uma tentativa de genocídio que só foi interrompida pela intervenção oportuna do Exército indiano que ajudou guerrilheiros locais armados a derrubar as forças armadas do Paquistão em questão de poucos dias em dezembro de 1971.

Desde então, os ecos de assassinatos políticos e golpes militares, tão familiares aos observadores do Paquistão, têm ecoado regularmente nos salões parlamentares de Dhaka.

Governando desde 2009, Hasina havia de fato se tornado muito mais ditatorial e havia tomado medidas extremas contra o Partido Nacional de Bangladesh de sua *bête noire* e ex-parceira política Khaleda Zia (as duas se uniram para derrubar o presidente Ershad em 1990), junto com sua repressão contínua a movimentos terroristas marginais que operavam sob o guarda-chuva geral do Jamaat-e-Islami (Jamaat).

## QUEM SÃO OS PLAYERS?

O relacionamento antes indiferente entre a Índia e Bangladesh deu uma guinada repentina para melhor desde 2014, quando o novo primeiro-ministro Narendra Modi convidou chefes de outros governos do sul da Ásia para sua posse, o que é a primeira vez para um primeiro-ministro indiano.

Embora seus esforços para estabelecer um tom mais positivo nas relações com o Paquistão tenham fracassado, Modi e Hasina se deram muito bem.

Após os terríveis ataques terroristas em Dhaka em julho de 2016, que deixaram pelo menos um indiano morto (uma jovem que era turista), a Índia forneceu assistência significativa e recorrente nas frentes de inteligência e armas para Hasina, enquanto ela reprimia as redes proibidas Jamaat que às vezes cruzavam a fronteira para a Índia, particularmente no abraço bem-vindo do estado de Bengala liderado pela oposição.

Ao longo dos anos, apesar de muitas provocações, os dois líderes mantiveram um relacionamento cordial que contribuiu para a estabilidade da região, cooperação em atividades antiterroristas, bem como uma repressão ao tráfico de pessoas que teve um efeito colateral irônico, ou seja, mudar as atividades da Índia para o “filão” da Europa e dos Estados Unidos.

Parece, e certamente foi discutido ativamente em Délhi durante toda a semana, que as agências de inteligência indianas simplesmente falharam em entender o ímpeto por trás dos protestos estudantis. Há muita discussão sobre as dezenas de milhões de dólares que foram canalizados para as contas dos manifestantes por potências estrangeiras, muitas vezes usando contas bancárias na vizinha Índia (em particular as contas bancárias de leais à Jamaat que vivem “ilegalmente, mas confortavelmente” em Bengala).

Um segundo tópico de discussões furtivas em Délhi esta semana é a ação dos EUA e, em menor grau, do Reino Unido. Um observador bem informado baseado em Délhi disse que as acusações no Reino Unido eram “infundadas e especulativas” porque ele acredita que o papel da ministra do Tesouro júnior Tulip Siddiq (filha da irmã de Hasina) era importante demais para permitir que o novo governo trabalhista tivesse desempenhado qualquer papel nos procedimentos.

No entanto, outras fontes apontaram que golpes não são planejados em dias, e é mais provável que os *players* do antigo governo liderado pelos conservadores estivessem ansiosos para jogar junto com o suposto plano dos EUA de depor Hasina, se não por outra coisa porque a maioria deles temia perder seus assentos nas eleições de julho no Reino Unido e estava buscando sinecuras com agências e empresas dos EUA após sua inevitável defenestração.

As ações dos EUA têm sido particularmente reveladoras. Desde condenar as eleições de Bangladesh no início deste ano como “não livres e justas” até uma declaração oficial “dando boas-vindas ao governo interino de Dhaka” em questão de horas após Hasina fugir do país, há uma impressão digital americana perceptível em todas as direções.

Não é segredo que vários membros pró-Palestina do governo dos EUA tinham causa comum com a Jamaat e certamente se beneficiaram do financiamento e apoio de *lobby* entre a pequena, mas influente comunidade bengalesa-americana, particularmente nas costas leste e oeste da América.

Também houve reuniões regulares entre autoridades dos EUA e Tariq Rahman, filho de Khaleda Zia e chefe de fato do BNP, nos últimos meses. Acredita-se que vários políticos trabalhistas do Reino Unido que dependem do voto de Bangladesh fizeram *lobby* regularmente no governo Biden em nome do BNP.

## COMO O GOLPE FOI ATIVADO?

Fontes indianas não comunicaram nenhuma revelação abaladora sobre como exatamente os EUA financiaram os protestos “estudantis” e providenciaram a rápida instalação do ganhador do Nobel Yunus como primeiro-ministro interino.

De qualquer forma, Yunus apareceu já em 2015, quando comunicou o desejo de apoiar (ou mesmo liderar) uma “ditadura benevolente” que substituiria o governo democraticamente eleito de Hasina.

Claro, isso foi depois da repressão de 2013 por seu governo, após alguns discursos politicamente tingidos que se mostraram excessivamente desconcertantes para o governo e pessoalmente embaraçosos para Hasina.

Pelo que apurei, parece que financiamento adequado foi fornecido aos indivíduos ligados à Jamaat que operam em Bengala desde pelo menos o ano passado e houve alguma especulação de que os EUA financiaram vários políticos islâmicos que se candidataram (e principalmente venceram) durante as eleições indianas, opondo-se aos candidatos do BJP governante da Índia.

Pode ter sido esse o caso, e incidentes em que vilas inteiras não deram um único voto para o BJP que podem destacar a munificência do Jamaat em Bengala realmente ocorreram, mas em grande parte me parece que o dinheiro foi enviado para Bangladesh.

Como nota lateral, embora Bangladesh tenha a sua própria moeda, acredita-se geralmente que a rupia indiana opera como moeda de curso legal em muitas partes da economia, assim como o dólar americano faz globalmente. Portanto, o financiamento de contas Jamaat na Índia proporcionaria uma transmissão de fundos sem atrito para ativistas em Bangladesh.

A surpreendente rejeição judicial da cota de empregos para descendentes de combatentes da liberdade, um mito fundador da Liga Awami, agora está sendo considerada por meio de lentes conspiratórias, com algumas “fontes bem informadas” sugerindo que os juízes que ajudaram a aprovar a ordem têm todos um nexos significativo com os EUA, incluindo filhos que vivem ou estudam no país.

De qualquer forma, a ação judicial levou o governo a “esclarecer” as questões com um novo estatuto, o que por sua vez desencadeou os tumultos testemunhados em todo o país desde junho.

Notavelmente, a eleição indiana terminou no final de maio, com o BJP no poder falhando em garantir uma maioria simples – um revés que muitos observadores políticos atribuíram ao voto em bloco ou estratégico exercido pela comunidade muçulmana em todo o país, mas em particular em estados como Bengala, onde o BJP perdeu terreno em relação ao seu desempenho durante as eleições anteriores em 2019.

Com o BJP na defensiva, observadores indianos afirmam que o governo dos EUA deu sinal verde para a operação contra Hasina.

## **DE MANIPUR A DHAKA**

Praticamente despercebido fora da Índia, houve uma tempestade operando no estado indiano de Manipur, que faz fronteira com Mianmar de um lado e o estado indiano de Mizoram do outro (que faz fronteira com Bangladesh) por quase todos os últimos 12 meses.

Vários organizadores comunitários, supostamente apoiadores do Partido Democrata dos EUA, têm financiado uma insurreição armada em Manipur que viu

violência de uma tribo contra outra, sobre o que começou como uma guerra territorial contra as drogas (lembre-se do papel central de Mianmar no comércio global de drogas) que então degenerou em algo mais extenso, tribal e totalmente mais brutal.

Tendo sido queimadas em Manipur, as forças de segurança indianas estão sobrecarregadas e acredita-se que o foco em Manipur tenha sido a principal razão para o fracasso da inteligência indiana em Bangladesh, pois os recursos foram rapidamente realocados há mais de seis meses.

## E AGORA?

Fontes dizem que as autoridades indianas estão espantadas com a velocidade e a escala dos eventos que se desenrolam em Bangladesh. Até agora, elas se concentraram em um jogo de reação pura, lidando com as consequências imediatas dos eventos do fim de semana em diferentes áreas econômicas, desde turistas presos até uma nova onda de imigrantes ilegais nas fronteiras indianas com Bangladesh.

Além dos suspiros usuais de pensamento positivo, não ouvi nenhum comentário sobre próximos passos plausíveis em torno de apoiar Hasina ou mesmo reviver relacionamentos antigos com Yunus e outros oficiais de Bangladesh. A Índia está agora firmemente presa na espiral de um ciclo de reação, sem nenhum papel significativo a desempenhar nos próximos meses.

*Publicado no [Asia Times](#).*

---

*\*Chan Akya é um analista veterano do Asia Times.*

---